

Capítulo 8

Valores sociais, preconceito e solidariedade relativamente a grupos racializados e imigrantes²⁸

*Jorge Vala
Marcus Lima
Diniz Lopes*

Para poder continuar a crescer economicamente, a Europa deverá receber alguns milhões de novos imigrantes, cerca de 30 milhões nos próximos 25 anos, de acordo com algumas agências internacionais. Mesmo que as previsões destas agências sejam exageradas, continua a ser elevado o número de novos imigrantes que a Europa irá necessariamente acolher. Estarão os europeus abertos a apoiar a integração deste novos imigrantes?

Vários indicadores permitem pensar que a maioria dos cidadãos europeus reconhecem o racismo e xenofobia flagrantes não apenas como

²⁸ Os autores agradecem a colaboração de Cristina Marinho na preparação dos ficheiros de dados e na análise de resultados.

ilegais, como também socialmente antinormativos²⁹. De facto, finda a segunda guerra mundial, e constatado o horror de um Estado racista, a Carta dos Direitos do Homem (1948), a Declaração da UNESCO sobre a raça (1950), os movimentos sociais de diferentes tipos na Europa, as lutas dos negros americanos e os movimentos de libertação africanos criaram uma dinâmica que foi progressivamente tornando ilegal a discriminação racial e socialmente antinormativas as crenças racistas.

No entanto, de par com a antinormatividade do racismo, as crenças negativas face aos imigrantes e face a pessoas vistas como de outra raça ou cultura permanecem. Segundo o *Eurobarómetro*, n.º 47.1 (Ben Brika, Lemaine e Jackson, 1997; Deschamps e Lemaine, 2001), e o estudo realizado pelo European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia (Thalhammer, Zucha, Enzenhofer, Salfinger e Ogris, 2001), 48% dos europeus em 1997 e 52% em 2000 consideram que as pessoas de «outras raças, cultura ou religião» «abusam do sistema de segurança social», 64 % em 1997 e 58% em 2000 acham que essas pessoas «estão mais frequentemente envolvidas na criminalidade do que a média das restantes pessoas», 46% em 1997 e 52% em 2000 consideram que «quando na escola há muitas crianças de grupos minoritários a qualidade do ensino sofre». O preconceito aberto, o racismo e a xenofobia flagrantes são, pois, um problema que permanece na Europa de hoje. O comportamento dos imigrantes e dos grupos minoritários é percebido como diferente do comportamento da maioria, é percebido como problemático, suscita preocupações, é visto como abuso e transgressão. Por outro lado, o sofrimento destes imigrantes e as suas condições de vida não encontram eco nos *media* e não constituem tema de preocupação quotidiana. Quantos europeus sabem que se calcula em 6000 o número de pessoas que de 1997 para cá morreram ao tentarem entrar na Europa? Concretamente, a ONG «United for Intercultural Action» identificou 2406 mortos. Nos novos países de imigração, como Portugal, a Espanha e a Itália, de que forma se reage às condições de vida

²⁹ Por exemplo, segundo resultados do EVS, a percentagem de pessoas que mostram intolerância de forma aberta relativamente a pessoas de «outra raça» ou relativamente a «imigrantes» era, em 1990, na União Europeia, respectivamente, de 10% e 13%. Em 1999, estes valores mantêm-se: 10% no caso da raça e 11% no caso de imigrantes. Para uma análise longitudinal dos resultados do *Eurobarómetro*, v. Halman (1994).

dos imigrantes? E como reagem os espanhóis à morte de imigrantes nas praias do Sul da Espanha? E os italianos à morte de imigrantes nas praias do Adriático? Que pensam os portugueses dos cerca de 100 000 imigrantes de Leste que entraram em Portugal nos últimos três anos, somando-se aos imigrantes africanos?

As ciências sociais, nomeadamente a psicologia social, têm conferido, nos últimos anos, atenção às novas expressões do preconceito, ancoradas, não na ideia de raça e de inferioridade racial, mas na ideia de cultura e de hierarquias culturais. Estas novas expressões do preconceito têm sido designadas por racismo subtil na Europa (v. Pettigrew e Meertens, 1995) e racismo simbólico ou moderno nos EUA (v. McConahay, 1986). Ainda no sentido de entender a permanência do racismo e da discriminação em sociedades formalmente anti-racistas, várias correntes na psicologia social têm também estudado formas indirectas ou não intencionais de racismo e até a sua expressão não consciente ou automática (para uma revisão, v. Fiske, 1998). Contudo, a atenção que tem sido dada a estas novas expressões do racismo e da xenofobia tem tido como efeito indirecto fazer esquecer que o racismo flagrante persiste e, por outro lado, que as posições igualitárias e não diferencialistas também existem, ou seja, que o racismo não é inevitável.

Neste texto analisamos os resultados relativos a uma medida de orientação geral para o preconceito flagrante e uma das dimensões do racismo flagrante, aquela que associa as minorias, as pessoas percebidas como culturalmente diferentes ou os imigrantes, a uma ameaça no plano económico e no emprego. Analisamos também as orientações para a solidariedade relativamente a estes grupos de pessoas. Depois de descrevermos as orientações negativas e positivas relativamente aos grupos minoritários referidos, analisamos as variáveis posicionais e os valores sociais que subjazem a essas orientações. Se as medidas de preconceito são pobres no *European Values Study* (EVS) (Halman, 2001), o questionário de suporte a este estudo inclui medidas sólidas e diversificadas dos valores sociais. Desta forma, o EVS constitui uma excelente base de dados para analisar os preditores do preconceito, nomeadamente os que se referem aos valores sociais e, especificamente, aos valores relacionados com o igualitarismo e o individualismo meritocrático.

A análise de dados será feita a nível da UE, no seu conjunto, e a nível de países que constituem dois exemplos de tradições diferentes face às migrações. Estudamos a Alemanha, a Bélgica e a França como exemplos de países tradicionalmente receptores de imigrantes. Por sua vez, estudamos a Espanha, Portugal e a Itália como exemplos de países europeus que passaram de países de emigrantes a países de destino de imigrantes³⁰.

A expressão de preconceito flagrante em países com tradição de imigração e de emigração

O preconceito tradicional e flagrante assenta em três vectores fortes: existem raças humanas inferiores e superiores; os imigrantes e as pessoas percebidas como membros de outras raças ou culturas constituem uma ameaça no plano económico; estas mesmas pessoas são também percebidas como uma ameaça à segurança dos cidadãos das sociedades de acolhimento. Quanto a nós, é a ideia de raça e de hierarquias raciais que suscita crenças negativas no campo económico e da segurança. É porque se pensa que essas pessoas são inferiores que se considera que não merecem o apoio do sistema social, que se considera que não merecem os empregos que lhes são oferecidos. É também porque se pensa que essas pessoas são inferiores e que a sua natureza as arrasta para a conflitualidade e para comportamentos antilegais que se considera que constituem uma ameaça à segurança. De facto, os imigrantes vistos como pessoas de raça equivalente ou de cultura equivalente não são, geralmente, objecto de avaliações negativas ou de um preconceito sistemático. Por exemplo, os imigrantes portugueses em França não foram objecto da mesma avaliação negativa que um grande número de franceses faz dos emigrantes norte-africanos. Em Portugal, por exem-

³⁰ Especificações sobre as amostras são apresentadas por Halman (2001). No anexo metodológico deste livro são também dadas indicações sobre as amostras.

plo, um emigrante belga não será representado como uma ameaça económica ou à segurança, como o é um imigrante africano.

O questionário do EVS de 1999 não inclui nenhuma questão específica sobre as crenças raciais, mas inclui dois indicadores que remetem para dimensões do preconceito flagrante contra grupos habitualmente racializados ou etnicizados: uma medida clássica de distância social (rejeição de um grupo devido à sua percepção como diferente a nível racial, cultural ou religioso); uma medida de percepção dos imigrantes como um ameaça económica. São as respostas a esses indicadores que passamos a analisar. Estas respostas são estudadas em dois tipos de países – países tradicionalmente receptores de emigrantes e países que até há poucos anos eram países de emigrantes e que passaram a receber imigrantes. Perguntamo-nos se a experiência destes últimos países como países de emigrantes os diferenciara nas atitudes face aos imigrantes e ao preconceito em geral. De facto, consideramos que a experiência directa ou vicariante da emigração pode gerar sentimentos de tolerância e de compreensão para com os imigrantes, decorrentes de processos, ainda que vagos, de identificação. Por outro lado, os países com tradição de emigração são também países menos desenvolvidos economicamente, onde, conseqüentemente, a presença de imigrantes pode ser mais facilmente percebida como uma ameaça.

Como referido, a primeira medida que vamos analisar é uma medida clássica de distância social que pode ser tomada como uma medida de preconceito. No questionário EVS, os grupos considerados a nível dessa medida fazem parte de três categorias distintas: pessoas estigmatizadas (por exemplo, pessoas com perturbações mentais, pessoas com passado criminal), categorias políticas (extremistas de direita e de esquerda), categorias de pessoas racializadas ou etnicizadas. Esta última categoria, aquela que aqui nos importa, era composta pelos grupos seguintes: «pessoas de raça diferente», «imigrantes/trabalhadores estrangeiros», «muçulmanos», «judeus» e «ciganos»³¹.

³¹ A pergunta era a seguinte: «Dos grupos de pessoas que se apresentam na lista seguinte, diga, por favor, aqueles que não gostaria de ter como vizinhos.»

Rejeição de grupos racializados ou etnicizados – EVS de 1999

[QUADRO N.º 8.1]

	M	DP
Ex-Alemanha Ocidental.....	0,52a	0,89
França.....	0,83bc	1,21
Espanha.....	0,68ab	1,25
Portugal.....	0,67ab	0,98
Bélgica.....	0,94c	1,42
Itália.....	1,12d	1,34

Número de grupos racializados rejeitados variando entre 0 e 5; $F(5,9390) = 61,425$; $p < 0,000$; η^2 quadrado = 0,03; as médias com letras diferentes são estatisticamente diferentes.

Discriminação no trabalho – EVS de 1999

[QUADRO N.º 8.2]

	M	DP
Ex-Alemanha Ocidental.....	2,22c	0,92
França.....	2,18ca	0,93
Espanha.....	2,45b	0,80
Portugal.....	2,41b	0,83
Bélgica.....	2,07a	0,97
Itália.....	2,41b	0,80

Escala: 3 – concorda a 1 – discorda; $F(5,9133) = 48,349$, $p < 0,000$; η^2 quadrado = 0,03; as médias com letras diferentes são estatisticamente diferentes.

Como se pode ver no quadro n.º 8.1, os países considerados nesta análise diferenciam-se significativamente no que toca ao número de grupos de pessoas racializadas ou etnicizadas que rejeitam. O número de grupos rejeitados é mais elevado na Itália, seguindo-se a Bélgica. A ex-Alemanha Ocidental³² é o país onde a expressão aberta da rejei-

³² Dado termos verificado diferenças significativas nas duas amostras alemãs, e dada a hipótese que formulámos, apenas considerámos as respostas da ex-Alemanha Ocidental.

ção de grupos raciais ou dos imigrantes é mais baixa. Portugal e a Espanha encontram-se numa posição intermédia³³. Note-se que, apesar de os valores médios de rejeição serem baixos, eles são significativamente diferentes de 0 no conjunto da UE³⁴ e em cada um dos países aqui analisados³⁵, indicando este resultado que em todos eles se verifica uma orientação para a discriminação.

O segundo indicador de preconceito flagrante refere-se à percepção de ameaça económica, especificamente à ameaça no emprego. O indicador mede a orientação para a discriminação no emprego dos imigrantes em favor dos nacionais³⁶. No quadro n.º 8.2 podemos verificar que a discriminação no emprego a favor dos nacionais é mais elevada em Itália, Portugal e Espanha³⁷.

Apesar das diferenças assinaladas nas respostas às duas questões que comentámos, no conjunto do países da UE estas respostas encontram-se correlacionadas de forma muito aceitável ($r = 0,25$; $p < 0,000$). Para além disso, nesta como nas restantes questões o «tamanho dos efeitos» é relativamente baixo (v. os valores *eta*), indicando que as diferenças entre países não são tão elevadas como se poderia pensar.

³³ Em todos estes países, os ciganos são o grupo mais rejeitado, numa percentagem que varia entre 32% e 56%. Em todos os países, com excepção de Portugal, os «muçulmanos» são a segunda categoria mais rejeitada (valores entre 11% e 20%). A categoria «pessoas de outras raças» é mais rejeitada na Bélgica (14%) e em Itália (16%) e menos na Alemanha (5%). Uma vez que a pergunta é um indicador de racismo aberto, os resultados mostram a força da norma anti-racista nestes países.

³⁴ UE (15 países): $M = 0,79$; $DP = 1,26$; $t(19600) = 87,175$; $p < 0,000$.

³⁵ Ex-Alemanha Ocidental: $t(1651) = 23,87$; $p < 0,000$; França: $t(1614) = 27,42$; $p < 0,000$; Espanha: $t(1199) = 18,766$; $p < 0,000$; Portugal: $t(999) = 21,55$; $p < 0,000$; Bélgica: $t(1911) = 29,18$; $p < 0,000$; Itália: $t(1999) = 38,15$; $p < 0,000$.

³⁶ O indicador é o seguinte: concorda ou discorda da seguinte afirmação: «Quando os empregos são poucos, deve-se dar prioridade aos... (nacionalidade)... relativamente aos imigrantes» (3 – concordo; 2 – não concordo/nem discordo; 1 – discordo).

³⁷ Acordo com a discriminação no trabalho: França, 54%; Alemanha, 59%; Bélgica, 51%; Portugal, 63%; Espanha, 65%; Itália, 61%.

A solidariedade para com os imigrantes

No ponto anterior considerámos as orientações para a discriminação de imigrantes e de pessoas percebidas como sendo de outra raça ou cultura. Será que os países onde se mostra maior orientação para a discriminação são aqueles onde também a solidariedade é menor? A nossa hipótese é a de que à discriminação não se opõe necessariamente a orientação para solidariedade. De facto, as atitudes raciais podem ser conceptualizadas como atitudes ambivalentes. Ou seja, um grupo alvo de uma atitude preconceituosa pode ser também alvo de solidariedade. Foi no quadro desta hipótese que Katz e Hass (1988) mostraram que as atitudes racistas eram complexas e integravam um misto de rejeição e solidariedade. Num contexto mais geral, e apoiando também a nossa hipótese, alguns modelos psicológicos sugerem que os factores motivacionais que subjazem à avaliação positiva de um estímulo podem ser diferentes daqueles que subjazem à sua avaliação negativa (Caciopo, Gardner e Berntson, 1997). Sendo assim, as raízes da solidariedade podem ser diferentes das raízes da discriminação e a solidariedade pode não ser o contraponto da discriminação.

Nesta perspectiva, para analisar as atitudes de solidariedade social para com os imigrantes considerámos dois indicadores disponíveis no questionário EVS: um que mede a orientação para acolher imigrantes de países menos desenvolvidos (solidariedade nas políticas de imigração)³⁸ e outro que mede a orientação pessoal para apoiar esses mesmos imigrantes (solidariedade pessoal activa)³⁹. No conjunto dos países europeus, os dois indicadores correlacionam-se positivamente ($r = 0,34$; $p < 0,000$).

³⁸ O indicador é o seguinte: «Há pessoas de países menos desenvolvidos que vêm trabalhar. Na sua opinião, o que deveria fazer-se: (1) o governo devia deixar vir trabalhar todas as pessoas que quisessem; (2) devia deixar desde que houvesse empregos disponíveis; (3) devia estabelecer limites rigorosos ao número de trabalhadores; (4) devia proibir a vinda de trabalhadores estrangeiros para... (Portugal)».

³⁹ O indicador é o seguinte: «Estaria disposto a fazer alguma coisa de concreto para melhorar as condições de vida dos imigrantes?»: 1 – certamente que não a 5 – certamente que sim.

Solidariedade pessoal activa – EVS de 1999

[QUADRO N.º 8.3]

	M	DP
Ex-Alemanha Ocidental.....	2,98a	0,87
França.....	2,75b	1,15
Espanha.....	3,29c	0,76
Portugal.....	2,96a	0,93
Bélgica.....	2,95a	1,14
Itália.....	3,39c	0,81

Escala: 1 – certamente que não a 5 – certamente que sim; $F(5,9196) = 99,976$; $p < 0,000$; η^2 quadrado = 0,05; as médias com letras diferentes são estatisticamente diferentes.

Atitudes perante as políticas de imigração – EVS de 1999

[QUADRO N.º 8.4]

	M	DP
Ex-Alemanha Ocidental.....	2,64a	0,66
França.....	2,66a	0,74
Espanha.....	2,08b	0,71
Portugal.....	2,19b	0,69
Bélgica.....	2,60a	0,74
Itália.....	2,38c	0,72

Escala: 1 – deixar vir trabalhar para Portugal todos os que querem a 4 – proibir a vinda de trabalhadores estrangeiros; $F(5,9004) = 153,384$; $p < 0,000$; η^2 quadrado = 0,08; as médias com letras diferentes são estatisticamente diferentes.

No que toca à solidariedade pessoal activa, ela é mais elevada em Espanha e na Itália e mais baixa em França (quadro n.º 8.3)⁴⁰. Quanto

⁴⁰ Respostas afirmativas à disposição para o apoio pessoal aos imigrantes: França, 23%; Alemanha, 24%; Bélgica, 31%; Portugal, 21%; Espanha, 36%; Itália, 46%.

à solidariedade a nível das políticas de imigração, os países que apresentam valores mais baixos de solidariedade são a ex-Alemanha Ocidental, a França e a Bélgica, países com maior pressão na procura, mas também com mais necessidades de imigrantes para sustentarem o crescimento e as políticas de *welfare*. Portugal e a Espanha revelam-se mais abertos, enquanto a Itália apresenta uma posição intermédia (quadro n.º 8.4)⁴¹, ⁴². No conjunto, pode dizer-se que os países com tradição de emigração apresentam uma orientação mais elevada para a solidariedade, embora sejam os países que, como se viu anteriormente, mostram mais tendência para a discriminação no trabalho.

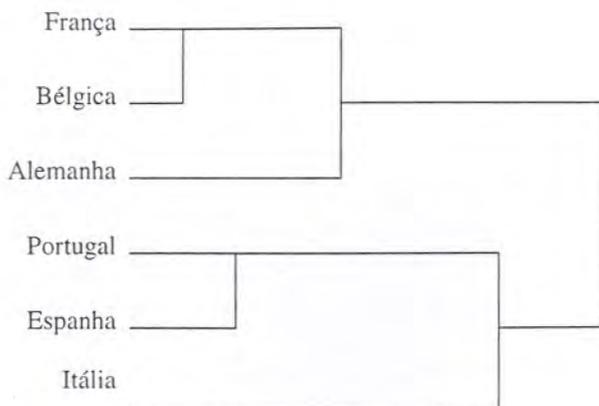
Uma análise de *clusters* (gráfico n.º 8.1), com base nas quatro variáveis que analisámos, mostra que, no conjunto, a Bélgica, a França e a Alemanha estão mais próximas entre si do que dos restantes três países. Note-se ainda que a Itália, apesar da proximidade com a Espanha e Portugal, apresenta uma configuração de atitudes muito específica. Os países tradicionalmente emigrantes agregam-se e separam-se dos países com tradição de imigração. Refira-se, porém, que não se pode dizer que os primeiros sejam menos preconceituosos do que os segundos. Ambos mostram atitudes ambivalentes, mas estruturam essa ambivalência de forma diferente. Os países que tradicionalmente recebem imigrantes mostram menor solidariedade, mas maior consciência dos direitos. Os países que só agora despertaram para os problemas da imigração e que são países de tradição emigrante mostram maior predisposição para a solidariedade, mas também menor consciência dos direitos e, por isso, maior orientação para a discriminação no trabalho.

⁴¹ Valores para a posição que propõe limites restritos ou proibição da imigração: França, 61%; Alemanha, 63%; Bélgica, 60%; Portugal, 27%; Espanha, 24%; Itália, 43%.

⁴² Valores para o conjunto da Comunidade Europeia: a nível da solidariedade pessoal: M = 3,06; DP = 0,97; a nível das políticas de imigração: M = 2,48; DP = 0,073.

Análise de *clusters* hierárquica: dendograma utilizando agregação média
(entre grupos)

[GRÁFICO N.º 8.1]



Uma tipologia dos preditores do preconceito

Para analisar os factores que subjazem às orientações relativamente aos imigrantes, ou a pessoas percebidas como pertencendo a outras raças ou culturas, recorreremos a um vasto conjunto de variáveis. Estas variáveis foram seleccionadas com base na sua relevância teórica, na sua associação com o preconceito em estudos prévios e na sua associação independente com, pelo menos, uma das nossas medidas dependentes utilizadas neste estudo⁴³.

As variáveis independentes seleccionadas podem ser classificadas nos conjuntos seguintes: variáveis posicionais, variáveis relativas a diferenças no plano psicológico, variáveis relativas à avaliação do sistema político, identidade política, identidade nacional, valores sócio-políticos e valores igualitários *vs.* o individualismo meritocrático.

⁴³ Para cada uma das variáveis independentes, e previamente à sua inclusão nas equações de regressão que se apresentam a seguir, foram calculadas correlações ou análises de variância a fim de se verificar a sua associação com, pelo menos, uma das variáveis dependentes. Estas análises foram efectuadas a nível da UE.

Apresentamos a seguir uma breve revisão das pesquisas sobre o preconceito e a discriminação que justificam a inclusão destas variáveis neste estudo, apesar de os seus efeitos serem, muitas vezes, controversos.

Variáveis posicionais

Neste grupo de variáveis incluímos a idade, a escolaridade e o rendimento económico. A *idade* tem sido associada ao preconceito, quer como indicador do ciclo de vida, quer como indicador do efeito de geração. No entanto, os efeitos desta variável nem sempre são claros em todas as pesquisas. Nalguns estudos nos EUA, como em McConahay e Hough (1976), e na Europa, como em Pettigrew e Meertens (1995), tem-se mostrado que, quanto mais elevada a idade, maior o racismo. No entanto, no estudo de Pettigrew e Meertens os efeitos da idade são muito heterogéneos e, por exemplo, na Grã-Bretanha verifica-se, contrariamente ao padrão europeu, que, quanto maior a idade, menor o preconceito. Em Portugal, num estudo sobre o racismo antinegro, não foram encontrados efeitos da idade (Vala, Brito e Lopes, 1999), e Pedersen e Walker (1997), num estudo realizado na Austrália sobre o preconceito relativamente aos aborígenes, também não encontraram uma associação significativa entre a idade e o preconceito.

Relativamente à *escolaridade*, muitos estudos apresentam associações fortes entre esta variável e o preconceito (para uma revisão, v., por exemplo, Wagner e Zick, 1995), mas, noutros estudos, esta variável não aparece como relevante (Pedersen e Walker, 1997), ou apenas é mostrada a sua relevância na predição das formas tradicionais de racismo (Vala *et al.*, 1999). Para além destas inconsistências, uma questão que permanece relativamente aos efeitos da escolaridade refere-se aos seus mediadores. Parece plausível que uma baixa escolaridade esteja associada a menores flexibilidade e complexidade cognitivas, o que tornaria os indivíduos com mais baixa escolaridade mais predispostos a aceitarem a simplicidade ideológica do racismo tradicional (Tetlock, 1985). Se assim for, o efeito desta variável não deverá ocorrer no caso do racismo subtil, uma forma mais complexa de exprimir

preconceito, hipótese que foi verificada no estudo de Vala e colegas (1999). Note-se, no entanto, que um nível elevado de escolaridade, quando associado ao conservadorismo político, pode propiciar forte adesão às formas mais rudes de racismo, um resultado obtido por aqueles autores no estudo realizado em Portugal.

A terceira variável considerada neste primeiro grupo é o *rendimento*. O rendimento pode ser tomado como um indicador de privação objectiva e de frustração económica. Ora, na linha da hipótese da teoria frustração-agressão, na formulação inicial de Dollard, Doob, Miller, Mowrer e Sears (1939), a frustração económica pode, em certas circunstâncias, levar à agressão contra grupos minoritários. Foi no quadro desta hipótese que aqueles autores analisaram o racismo como uma agressão de um grupo em situação de privação económica relativamente a outro grupo julgado responsável por essa situação. A agressão não seria dirigida, porém, para o alvo produtor da privação (por exemplo, o sistema económico ou as classes dominantes), mas para o alvo a quem é atribuída a responsabilidade por essa privação. Esse alvo seria um grupo vulnerável, com meios de defesa reduzidos. Esta hipótese ficou conhecida como a hipótese do bode expiatório (Hovland e Sears, 1940).

Em síntese, de acordo com os resultados referidos, não se deverá encontrar uma associação significativa entre a idade e o preconceito, mas pode esperar-se que, quanto menor a escolaridade e menor o rendimento, maior o preconceito flagrante.

Diferenças individuais no plano psicológico

Neste nível de análise considerámos duas variáveis: a *satisfação com a vida* e a *confiança nos outros*. A satisfação/insatisfação com a vida pode ser entendida como uma medida de frustração e, neste sentido, estar associada à discriminação, tal como o rendimento económico, na base dos pressupostos teóricos acima referidos. Mas a satisfação com a vida pode também estar associada à auto-estima, variável que algumas orientações teóricas associam à discriminação, tendo-se mostrado que, quanto menor a auto-estima, maior a orientação para a dis-

criminação (v. Ehrlich, 1973). Quanto à confiança interpessoal, esta é uma dimensão da personalidade autoritária na teoria de Adorno, Frenkel-Brunswick, Levinson e Sanford (1950) e, conseqüentemente, um factor que, como predito por aquela teoria, pode estar associado ao preconceito. Desta forma, quanto menor o sentimento de satisfação com a vida e quanto menor a confiança nos outros, maior o preconceito flagrante.

Diferenças individuais na relação com o sistema político

Recentemente, as atitudes face aos imigrantes têm sido entendidas no quadro de uma atitude negativa mais geral face ao sistema político e de um sentimento de insegurança provocado pela percepção de que as instituições políticas não são eficazes na protecção dos cidadãos. Estas atitudes podem ser avaliadas com base em medidas de *confiança nas instituições políticas* e de *satisfação com a democracia*, que remetem para a percepção de eficácia política. Ora foi já mostrado que a percepção de eficácia política se encontra associada ao preconceito. Concretamente, numa análise sobre os preditores do racismo na Europa, Pettigrew (1999) mostra que, quanto menor o sentimento de eficácia política, ou seja, o sentimento de que se pode influenciar o sistema político e de que este reflecte os interesses dos cidadãos, maior o preconceito. É esta a hipótese que retomamos neste estudo.

A identidade política

Na sequência da pesquisa de Adorno e colaboradores (1950) sobre o preconceito, a variável «posição política» ou «identidade política» no espectro *esquerda-direita* é habitualmente analisada nos estudos sobre o racismo e a xenofobia. Aliás, a simples observação da arena política também mostra que é na extrema-direita que se encontram manifestações mais abertas de xenofobia e posições mais claras de rejeição da imigração. De facto, nos países europeus as políticas oficiais relativamente às minorias e aos imigrantes covariaram até há pouco tempo

com a orientação ideológica (esquerda-direita) dos partidos políticos, assumindo os partidos de esquerda posições de maior abertura à imigração, o que parece reflectir-se nas posições daqueles que se auto-categorizam mais à esquerda ou mais à direita. O estudo de Pettigrew e Meertens (1995) mostra exactamente que o posicionamento político é um bom preditor do racismo. No entanto, os partidos políticos de esquerda têm vindo, ultimamente, a defender políticas ditas realistas de imigração, com legislação que se aproxima muito da legislação proposta pelos governos de direita ou centro-direita. Esta nova posição poderá reflectir-se na relação entre o posicionamento político e o preconceito racista ou xenófobo abertos, pelo que não será de esperar uma relação forte entre estas duas variáveis.

A identidade nacional

A pesquisa nesta área tem colocado a hipótese de que, quanto maior a saliência da identidade nacional, medida com base no *orgulho nacional*, maior a orientação para o racismo, dado que a identidade nacional é habitualmente vivida como uma identidade exclusiva e não inclusiva. Um exemplo do efeito da identidade nacional no preconceito é apresentado no estudo já referido de Pettigrew e Meertens (1995). Neste estudo, embora a associação entre a identidade nacional e o preconceito não seja das associações mais fortes encontradas pelos autores e esta associação esteja marcada por alguma heterogeneidade entre as amostras europeias, verifica-se, de facto, que, quanto maior a identificação com o país, maior o preconceito. Porém, no estudo de Pedersen e Walker, também já citado, verifica-se uma associação entre a identidade nacional e o racismo moderno relativamente aos aborígenes, mas não entre a identidade nacional e o racismo tradicional. Note-se, por outro lado, que Inglehart (1997), num estudo realizado em 43 países, encontrou uma associação clara entre identidade nacional e conservadorismo, mas não entre identidade nacional e etnocentrismo. Em Portugal, no estudo sobre o racismo antinegro realizado por Vala e co-autores, a identidade nacional não se mostra significativamente associada ao racismo.

Outros resultados, relatados por Duckitt e Mphuthing (1998), sugerem que o conceito de identidade nacional é um conceito multidimensional, havendo que distinguir entre «patriotismo» (dimensão emocional da ligação com o país) e «nacionalismo» (saliência da orientação para a competição nas comparações internacionais). Nos resultados referidos por aqueles autores apenas o nacionalismo se apresenta correlacionado com o etnocentrismo. Resultados semelhantes foram encontrados na Grã-Bretanha por Dowds e Young (1997). Numa outra tradição teórica, a revisão da teoria da identidade social de Tajfel (Tajfel e Turner, 1979) proposta por Mummendey (1995) propõe que a identificação com um endogrupo suscita favoritismo por esse grupo, mas não, necessariamente, derrogação de um exogrupo oposto.

Em síntese, a identidade nacional não deverá, por si só, gerar preconceito, mas, como é geralmente associada a posições exclusivistas, é provável que, como em estudos precedentes, também neste estudo se verifique uma correlação entre a identificação com o país e a discriminação racial.

Valores sócio-políticos

A nível dos valores sócio-políticos considerámos três dimensões: o *conservadorismo moral*, o *conservadorismo político* e as orientações *materialismo/pós-materialismo*. A distinção entre conservadorismo moral e político advém da hipótese analisada por Vala e co-autores (1999) de que, pelo menos no domínio do preconceito, estas duas dimensões do conservadorismo podem apresentar resultados diferenciados. De facto, os resultados destes autores mostram uma associação clara entre o conservadorismo moral e o racismo, mas não entre este e o conservadorismo político ou o posicionamento político (esquerda-direita), resultado que pode apenas reflectir uma especificidade do contexto ideológico em Portugal, ou pode indicar uma mudança no padrão de atitudes identificado por Adorno e colaboradores no anos 50. Quanto ao valores pós-materialistas, o estudo de Inglehart (1997), num vasto número de países, apresenta uma clara dissociação entre pós-materialismo e preconceito flagrante. Dado que as nossas medidas

também são medidas de preconceito aberto, podemos esperar uma correlação positiva entre conservadorismo, materialismo e preconceito.

Valores igualitários vs. valores de individualismo meritocrático

Os factores anteriormente descritos têm sido objecto de análise em muitos estudos sobre o preconceito e o racismo. Contudo, o papel que os *valores igualitários* e os *valores de individualismo meritocrático* (competição, crença na associação entre esforço e bem-estar pessoal, etc.) podem desempenhar na organização e na legitimação das crenças racistas tem sido pouco estudado.

Na cultura europeia vive-se uma forte ambivalência entre os valores igualitários, fundadores da modernidade, e os valores de competição e individualismo meritocrático, que têm sido associados ao sucesso económico. Na nossa hipótese, os primeiros geram solidariedade e anti-racismo, os segundos geram hierarquização de tipos humanos e orientação para a discriminação, na medida em que salientam a competição e a comparação. Alguns estudos apoiam esta hipótese. Por exemplo, Doise, Spini e Clemence (1999), num estudo transnacional, encontraram uma associação positiva entre os valores do universalismo e do igualitarismo, no modelo sobre os valores sociais proposto por Schwartz (1996), e a crença nos direitos do homem. O próprio Schwartz (1996), numa revisão de literatura sobre valores e preconceito, mostra que os valores do universalismo (por exemplo, igualdade, justiça social e abertura intelectual) estão positivamente associados ao contacto intergrupais. Os mesmos estudos mostram que os valores de poder e autopromoção, centrais no padrão que designamos por individualismo meritocrático, são preditores de orientações competitivas nas relações intergrupais. Em Portugal, o estudo correlacional, já citado, de Vala e co-autores mostra que a adesão aos princípios da justiça meritocrática é um preditor do chamado racismo subtil. Também num estudo experimental de Lima e Vala (2002) se mostra que, quanto maior a adesão ao individualismo meritocrático, maior a orientação para representar pessoas negras como mais próximas da «natureza» (de um estado pré-humano) do que pessoas brancas, ou seja, quanto maior a adesão aos valores do individua-

lismo meritocrático, maior a orientação para o racismo. Na mesma linha, podemos considerar que a «crença no mundo justo» (Lerner, 1980; Correia, 2001), uma crença que, tal como a «ética protestante no trabalho», é expressão do individualismo meritocrático e justifica as hierarquias sociais, pode facilitar o preconceito, na medida em que associa as desigualdades sociais a esforços desiguais, facilitando por isso a vitimização secundária das pessoas e grupos discriminados.

De forma mais elaborada, Katz e Hass (1988), nos seus estudos sobre a ambivalência das atitudes racistas, propõem que é a tensão entre igualitarismo e meritocracia que se vive na sociedade americana que explica a ambivalência das atitudes face aos negros nesse país. Esta hipótese retoma, pelo menos em parte, a análise de Myrdal (1944) sobre o racismo nos EUA, mostrando que o racismo devia ser entendido no quadro do conflito entre a crença num «humanismo igualitário» e a pressão dos interesses pessoais. Note-se, porém, que a tensão entre igualitarismo e meritocracia não é específica da sociedade americana. Como mostram os estudos de Schwartz (1996), trata-se de uma tensão presente em muitas das sociedades ocidentais. Consequentemente, esta tensão pode ser invocada para analisar o racismo e o preconceito em diferentes contextos sociais, e não apenas nos Estados Unidos.

Nesta linha, esperamos uma correlação positiva entre preconceito e individualismo meritocrático. Para analisar esta hipótese considerámos os seguintes indicadores da tensão entre o igualitarismo e o individualismo meritocrático: a opção pela igualdade em detrimento da liberdade, a orientação para a vitimização secundária de pessoas pobres em detrimento da responsabilização do sistema social, a orientação para a competição, a atitude positiva face aos direitos sociais como direitos de cidadania, e a orientação para a participação social e comunitária.

Os valores sociais como preditores do preconceito

Para estudarmos a contribuição das variáveis referidas no ponto anterior (v. a operacionalização em anexo), nomeadamente dos valores do igualitarismo, para a compreensão da génese do preconceito racial e

xenófobo⁴⁴ e da solidariedade⁴⁵ realizámos um conjunto de análises estatísticas, seguindo as etapas seguintes: num primeiro passo, incluímos todas as variáveis referidas numa mesma equação de regressão; num segundo passo, realizámos um conjunto de equações de regressão que permitem avaliar a contribuição específica dos valores igualitários *vs.* do individualismo meritocrático para o preconceito e a solidariedade; finalmente, analisámos a organização dimensional destes preditores e verificámos o impacto dessas dimensões nas nossas variáveis dependentes.

A primeira etapa da análise do impacto das variáveis por nós consideradas sobre o preconceito e a solidariedade foi feita a nível da UE⁴⁶, no seu conjunto, e a nível de Portugal e da Bélgica. De acordo com a lógica que temos vindo a seguir, o primeiro destes países constitui um exemplo de um país de emigração e o segundo é exemplo de um país com tradição na recepção de imigrantes⁴⁷.

Como se pode verificar no quadro n.º 8.5, considerando o conjunto dos países da UE, a idade, a confiança interpessoal, a identidade política, os valores do materialismo/pós-materialismo e a vitimização secundária encontram-se entre os preditores mais fortes do preconceito. Estes resultados seguem os que são muitas vezes encontrados neste tipo de estudos correlacionais e mostram que, contra as nossas hipóteses, se continua a verificar uma associação forte entre as posições políticas (esquerda-direita), a idade e o preconceito. Sublinhe-se ainda, em favor das nossas hipóteses, que três dos cinco indicadores dos valores do igualitarismo *vs.* individualismo são preditores significativos do

⁴⁴ O preconceito foi medido com base numa nova variável que reúne a medida de distância social e a medida de discriminação no trabalho. A solidariedade foi medida com base no indicador de solidariedade pessoal activa e de atitude perante as políticas de imigração.

⁴⁵ A selecção de variáveis foi feita na base da hipótese sobre a génese do preconceito. Desta forma, não colocámos hipóteses específicas sobre a relação entre estas variáveis e a solidariedade.

⁴⁶ Não se incluiu a Irlanda do Norte.

⁴⁷ Para não tornar repetitivo o texto não apresentamos as análises que realizámos para os restantes países aqui estudados. Os resultados desses países são semelhantes aos que aqui se apresentam e, embora sob uma outra forma, podem ser verificados adiante (quadro n.º 8.19).

preconceito. Assim, as pessoas que não fazem «vitimização secundária», que defendem os direitos sociais como direitos de cidadania e que declaram estar envolvidas em actividades de participação social e comunitária, expressam menor discriminação contra os imigrantes e as minorias. Estes últimos resultados são relativamente novos na literatura neste domínio.

Na Bélgica (quadro n.º 8.5), o padrão de preditores é semelhante ao da UE e, também neste caso, três dos indicadores de valores igualitários estão associados à discriminação. Níveis mais baixos de orientação para a discriminação encontram-se entre os que valorizam mais a igualdade do que a liberdade, não fazem vitimização secundária e participam em trabalho comunitário. Em Portugal, o número de preditores é mais reduzido e a variância explicada é mais baixa. Mesmo assim, um dos indicadores dos valores igualitários encontra-se entre os melhores preditores da discriminação.

Relativamente à solidariedade para com os imigrantes, o padrão de preditores é ligeiramente diferente (quadro n.º 8.6), mantendo-se, porém, e de forma expressiva, o papel dos valores igualitários. De novo, o padrão de resultados obtidos para a amostra belga é muito semelhante àquela que registámos para o conjunto da UE. No caso de Portugal verifica-se que os valores igualitários se encontram mais associados à solidariedade do que ao preconceito.

Os resultados que acabamos de comentar apresentam alguma evidência para a hipótese de que a saliência dos valores igualitários vs. os valores do individualismo meritocrático deve ser considerada relevante quando se trata de compreender as raízes do preconceito, e da orientação para a solidariedade, para com imigrantes ou membros de grupos minoritários racializados ou etnicizados. Contudo, uma vez que a literatura neste domínio de estudo só indirectamente suporta esta mesma ideia, desenvolvemos um novo tipo de análises no sentido de solidificar os resultados anteriormente apresentados⁴⁸.

⁴⁸ Uma vez que, como atrás se referiu, a correlação entre as duas medidas de preconceito e as duas medidas de solidariedade é apenas moderada, realizámos análises de regressão para cada uma das quatro medidas. Os resultados mostraram-se muito semelhantes ao longo das doze equações de regressão que calculámos.

Preditores de preconceito flagrante – EVS de 1999
(análise de regressão)

[QUADRO N.º 8.5]

	Discriminação		
	UE	Portugal	Bélgica
Variáveis posicionais:			
Idade.....	0,11***	–	0,14***
Rendimento.....	–0,04***	–0,14**	–
Escolaridade.....	–0,02*	–	–0,12***
Diferenças psicológicas individuais:			
Felicidade pessoal.....	–0,04***	–	–
Confiança interpessoal.....	–0,13***	–0,11*	–0,11***
Avaliação do sistema político:			
Satisfação com a democracia.....	–0,06***	–0,10*	–
Confiança nas instituições políticas.....	–0,07***	–	–0,06*
Identidade política (esquerda-direita).....	0,12***	–	0,16***
Identidade nacional.....	0,08***	–	–
Valores sócio-políticos:			
Conservadorismo político.....	0,07***	–	0,11***
Conservadorismo moral.....	0,07***	–	0,07**
Valores mat./pós-mat.....	–0,10***	–	–0,14***
Valores igualitários vs. meritocráticos:			
Liberdade/igualdade.....	–	–	–0,08**
Vitimização secundária.....	0,10***	–	0,11***
Competição.....	–	–	–
Benefícios sociais.....	–0,05***	–0,10*	–
Participação social e comunitária.....	–0,08***	–	–0,06*
R ² ajustado.....	0,19	0,07	0,24

Valores beta standardizados: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Preditores de solidariedade para com os imigrantes – EVS de 1999
(análise de regressão)

[QUADRO N.º 8.6]

	Solidariedade		
	UE	Portugal	Bélgica
Variáveis posicionais:			
Idade.....	-	-	-
Rendimento.....	-0,02*	-	-
Escolaridade.....	0,14***	-	0,12***
Diferenças psicológicas individuais:			
Felicidade pessoal.....	0,03*	-	-
Confiança interpessoal.....	0,11***	0,12**	0,12***
Avaliação do sistema político:			
Satisfação com a democracia.....	0,05***	-	-
Confiança nas instituições políticas.....	0,05*	-	0,11***
Identidade política (esquerda-direita).....	-0,13***	-	-0,18***
Identidade nacional.....	-	-	-
Valores sócio-políticos:			
Conservadorismo político.....	-0,09***	-	-0,13***
Conservadorismo moral.....	-0,05***	-	-
Valores mat./pós-mat.....	0,10***	-	0,09***
Valores igualitários v.s. meritocráticos:			
Liberdade/igualdade.....	0,06***	0,11*	-
Vitimização secundária.....	-0,09***	-	-0,06*
Competição.....	-	-	-
Benefícios sociais.....	0,04***	0,10*	0,07**
Participação social e comunitária.....	0,08***	0,11*	0,12***
R ² ajustado.....	0,16	0,05	0,24

Valores beta standardizados: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Nas novas equações de regressão (quadros n.^{os} 8.7 e 8.8) procedemos da forma seguinte: na primeira equação de regressão apenas incluímos as variáveis posicionais, aquelas que tradicionalmente são consideradas na pesquisa sociológica; na segunda equação de regressão juntámos àquelas variáveis os preditores relativos a diferenças psicológicas; e assim sucessivamente, para cada um dos grupos de variáveis que considerámos. Apenas na sétima e última equação de regressão introduzimos as variáveis relativas aos valores igualitários. Uma vez que estas variáveis foram as últimas a entrar na equação de regressão, um eventual incremento da variância explicada é um teste robusto do seu poder preditivo.

No caso dos modelos sobre o preconceito (quadro n.º 8.7), verifica-se que as variáveis posicionais se apresentam como o grupo de preditores mais potente, o que é um resultado comum quando se trata, como aqui, de medidas de preconceito flagrante. De qualquer forma, em todos os países, os restantes preditores representam mais de 50% da variância explicada, o que indica a sua pertinência para a compreensão do preconceito. Além disso, em todos os países, com excepção de Portugal, verifica-se um incremento da variância explicada quando os valores igualitários *vs.* meritocráticos são introduzidos nas equações de regressão, ainda que o sejam apenas em último lugar.

Nos modelos em que as orientações para a solidariedade são a variável dependente (quadro n.º 8.8), os resultados mostram que as variáveis posicionais são, de uma forma geral, menos importantes e que os valores igualitários se mostram, de novo, um preditor robusto em todos os países, incluindo Portugal, o que não sucedia no caso anterior.

A terceira etapa da análise dos preditores do preconceito e da solidariedade seguiu uma metodologia menos convencional e, por razões de economia, foi apenas realizada com base nos dados para o conjunto dos quinze países da UE.

Seguindo um procedimento proposto por Pettigrew (1999), realizámos uma análise factorial dos dezasseis indicadores das variáveis que temos vindo a referir e depois utilizámos os factores obtidos como preditores do preconceito e da solidariedade.

Foram extraídos cinco factores que explicam 45,0% da variância. Uma vez que os três primeiros factores explicam por si só 32,4% da variância e que os dois últimos são difíceis de interpretar, apenas os três primeiros foram retidos para a análise.

Preditores de preconceito flagrante (análise de regressão – variância explicada acumulada)
(percentagem)

[QUADRO N.º 8.7]

	Discriminação						
	UE	Portugal	Bélgica	Alemanha Ocidental	França	Itália	Espanha
Variáveis posicionais.....	6***	3***	9***	8***	11***	8***	6***
Diferenças psicológicas individuais.....	10***	4**	12***	10***	13***	12***	7**
Avaliação do sistema político.....	11***	5	12**	10	13	12	7
Identificação política (esquerda-direita).....	13***	5	17***	12***	17***	15***	9**
Identidade nacional.....	14***	5	18	12	18***	15	9
Valores sócio-políticos.....	17***	6	21***	14***	23***	17***	12***
Valores igualitários vs. meritocráticos.....	19***	7*	24***	18***	24**	18*	12

Os valores correspondem a percentagens acumuladas de variância explicada. Na primeira equação só foram introduzidas as variáveis posicionais. Nas equações seguintes foram sendo acrescentadas as variáveis das equações anteriores. Na última equação foram introduzidas todas as variáveis. Significância do incremento na variância explicada em cada equação.

*** $p < 0,000$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Preditores de solidariedade (análise de regressão – variância explicada acumulada)
(percentagem)

[QUADRO N.º 8.8]

	Solidariedade						
	UE	Portugal	Bélgica	Alemanha Ocidental	França	Itália	Espanha
Variáveis posicionais.....	5***	0	8***	2***	7***	3***	4***
Diferenças psicológicas individuais.....	8***	3**	12***	4**	13***	8***	6**
Avaliação do sistema político.....	9***	3	14***	4	13**	9**	6
Identificação política (esquerda-direita).....	11***	3	19***	6***	19***	13***	8***
Identidade nacional.....	11	3	19*	6	20***	13	8
Valores sócio-políticos.....	14**	3	23**	10***	26***	16***	14***
Valores igualitários vs. meritocráticos.....	16**	5**	24***	15***	28***	18***	16**

Os valores correspondem a percentagens acumuladas de variância explicada. Na primeira equação só foram introduzidas as variáveis posicionais. Nas equações seguintes foram sendo acrescentadas as variáveis das equações anteriores. Na última equação foram introduzidas todas as variáveis. Significância do incremento na variância explicada em cada equação.

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

O quadro n.º 8.9 apresenta os resultados da análise factorial em componentes principais e nele estão indicados os pesos factoriais superiores a 0,20. Dado que não pretendemos construir variáveis de natureza psicométrica e admitimos que uma mesma variável possa ter pesos idênticos em mais do que um factor, não procedemos à rotação da matriz⁴⁹. Atendendo aos nossos objectivos, a matriz não rodada apresenta, além disso, resultados mais claros.

O factor 1 está saturado pelas variáveis «grau de escolaridade», «rendimento», «valores pós-materialistas», «confiança interpessoal», «não conservadorismo político» e «participação social e comunitária». É um factor que remete para o pós-materialismo, a solidariedade social e os seus correlatos posicionais. Chamámos a este factor pós-materialismo e igualitarismo.

Se considerarmos as variáveis com pesos factoriais superiores a 0,20, podemos dizer que este factor apresenta uma configuração que reúne as pessoas mais novas, com bem-estar social, com confiança interpessoal e que declaram que se sentem felizes. São pessoas que se identificam com a esquerda, que não se identificam com o país e não são politicamente conservadoras. A nível dos valores igualitários, defendem os direitos sociais como direitos fundamentais, mostram disponibilidade para a participação social e comunitária e não fazem vitimização secundária.

O factor 2 está, sobretudo, saturado pelas variáveis «satisfação com a democracia», «confiança nas instituições políticas», sentimento de «bem-estar pessoal» e adesão à «competição» como valor fundamental. É um factor de individualismo meritocrático e de conservadorismo institucional.

Este factor reúne ainda os mais adultos, as pessoas que exprimem felicidade pessoal, que se sentem satisfeitas com a democracia e têm confiança nas instituições políticas. São pessoas que se identificam com a direita e com o seu país e mostram adesão a diferentes dimensões do individualismo meritocrático: valorizam a competição, valorizam mais a liberdade do que a igualdade, consideram os pobres res-

⁴⁹ A justificação para este procedimento pode ser encontrada em Tacq (1998). Agradecemos a Helena Carvalho o apoio dado na justificação estatística deste procedimento.

ponsáveis pela sua pobreza (vitimização secundária) e não valorizam os direitos sociais como direitos de cidadania.

AFCP dos preditores de preconceito flagrante e de solidariedade para com os imigrantes
EVS de 1999 – UE

[QUADRO N.º 8.9]

	Factor 1	Factor 2	Factor 3
Idade.....	-0,38	0,21	0,28
Rendimento.....	0,56	-	-0,26
Escolaridade.....	0,53	-	-0,25
Felicidade pessoal.....	0,25	0,51	-
Confiança interpessoal.....	0,50	0,20	-
Satisfação com a democracia.....	-	0,58	0,30
Identificação política (esquerda-direita).....	-0,24	0,36	-0,38
Confiança nas instituições políticas.....	-	0,60	0,45
Identidade nacional.....	-0,32	0,38	0,21
Conservadorismo político.....	-0,49	-	-
Conservadorismo moral.....	-0,40	-	-
Valores mat./pós-mat.....	0,52	-	-
Competição.....	-	0,45	-0,41
Direitos sociais.....	0,20	-0,39	0,37
Liberdade/igualdade.....	-	-0,25	0,39
Vitimização secundária.....	-0,32	0,26	-0,35
Participação social e comunitária.....	0,49	-	-
<i>Variância explicada.....</i>	13%	11%	8%

Pesos factoriais: > 0,20.

Finalmente, o factor 3 está saturado pela variável confiança política, pelo não apoio à competição e pela valorização da igualdade mais do que da liberdade. É um factor que reflecte a ideologia de esquerda tradicional. Esta interpretação é apoiada pelo peso das restantes variáveis. Assim, este factor reúne os mais velhos, as pessoas com menores ren-

dimentos e as pessoas com menor escolaridade. São pessoas de esquerda, que apoiam a democracia, se identificam com o seu país e, como se referiu, valorizam diferentes dimensões dos valores igualitários.

Para analisarmos o impacto destes sistemas de crenças na discriminação e na solidariedade realizámos duas análises de regressão, tomando como variáveis independentes os *scores* factoriais e como variáveis dependentes um índice de preconceito e um índice de solidariedade, tal como já usados nas análises precedentes.

Como se pode verificar no quadro n.º 8.10, o primeiro e o terceiro factores constituem obstáculos à discriminação social, mas o segundo factor não incrementa essa discriminação. Este resultado é congruente com outros estudos que mostram que o novo conservadorismo social apenas alimenta as formas mais subtis de racismo e xenofobia e não se correlaciona com formas de preconceito flagrante (e. g.).

A nível da solidariedade, ou da disposição para um apoio pessoal activo aos imigrantes e para políticas de imigração mais abertas, verifica-se que os factores 1 e 3 se correlacionam positivamente com esta orientação, enquanto o factor 2 se correlaciona de forma negativa. Ou seja, congruente com o novo racismo, o individualismo meritocrático/conservadorismo institucional não suscita discriminação aberta, mas manifesta-se na orientação para o não apoio aos imigrantes ou a outros grupos minoritários. Estes resultados estão, assim, na continuidade dos estudos de Pettigrew (1999), segundo os quais o racismo flagrante está associado a reacções emocionais negativas contra pessoas percebidas como sendo de outra raça, enquanto o racismo subtil se manifesta na negação da expressão de emoções negativas relativamente a essas pessoas.

Estes novos resultados mostram uma organização muito coerente do pensamento social e das suas raízes posicionais, o que é pouco comum em estudos desta natureza, estudos correlacionais extensivos. De facto, este tipo de estudos apresenta muitas vezes uma dissociação entre as variáveis posicionais e as variáveis relativas às crenças sociais. Por outro lado, importa sublinhar como os valores igualitários se associam a duas estruturas de crenças muito diferenciadas no seu significado e na sua base social – o pós-materialismo e a esquerda tradicional. Além

disso, estes resultados mostram ainda que o pensamento conservador de raiz democrática mostra conformidade com a norma social do anti-preconceito flagrante, mas rejeita mostrar abertamente solidariedade para com os imigrantes ou as minorias.

**Preditores de preconceito flagrante e de solidariedade para com os imigrantes
(análise de regressão)
EVS de 1999 – UE**

[QUADRO N.º 8.10]

	Discriminação	Solidariedade
Factor 1 – pós-materialismo e igualitarismo.....	-0,41	0,33
Factor 2 – individualismo meritocrático e conservadorismo institucional.....	-	-0,16
Factor 3 – igualitarismo e velha esquerda.....	-0,12	0,05
R2 ajustado.....	0,19	0,14

Valores beta standardizados: $p < 0,000$.

Conclusões

Neste capítulo analisámos o preconceito relativamente aos imigrantes e a pessoas percebidas como de raça, cultura ou religião diferentes. Estudámos também as atitudes relativamente à solidariedade para com estes grupos, no pressuposto de que o preconceito e a solidariedade não são necessariamente opostos.

Considerando que as diferentes experiências individuais e colectivas com o fenómeno da migração podem induzir diferentes atitudes, comparámos a Alemanha, a Bélgica e a França com Portugal, a Itália e a Espanha. Esta análise mostrou que os três primeiros países, tradicionalmente receptores de imigrantes, apresentam atitudes diferentes dos restantes, que se caracterizam por serem países que só recentemente se

tornaram países de imigração e que têm uma longa tradição de emigração. Os resultados não mostram, porém, que estes são menos preconceituosos do que aqueles. Porém, os resultados apresentam uma organização diferente da ambivalência do preconceito nestes dois grupos de países. Nos primeiros («países de imigração»), a orientação para a discriminação no trabalho é menor, mas a orientação para a solidariedade é também menor. Nos segundos («países de emigração») verifica-se uma expressão mais fácil da discriminação no trabalho, mas a disposição para a solidariedade é maior.

As diferenças entre países encontradas a nível da expressão das atitudes não se verificam a nível dos preditores. Neste caso encontramos um padrão de resultados muito semelhante nos seis países e no conjunto da UE. Das análises de regressão realizadas destacamos os pontos que a seguir se enunciam.

As variáveis posicionais apresentam-se como um bom preditor, quer do preconceito, quer da solidariedade manifestos, tal como sucede noutros estudos correlacionais extensivos neste domínio, quando a variável dependente é o preconceito flagrante.

Na revisão de literatura encontramos alguns estudos em que a identidade nacional e a identidade política não são preditores significativos do preconceito. Neste estudo, em todas as amostras, excepto em Portugal, a identidade política é um bom preditor do preconceito (quanto mais à direita se posicionam os respondentes, mais preconceito manifesto mostram). Quanto à identidade nacional, ela contribui para a explicação da variância do preconceito apenas no caso da França e da Bélgica.

Relativamente à solidariedade, a identidade política é um bom preditor em todas as amostras, excepto em Portugal. A identidade nacional apenas contribui para o incremento da variância em França e na Espanha. Registando-se diferenças entre a solidariedade e o preconceito a nível dos preditores, estas diferenças não apresentam um padrão coerente que nos permita afirmar que se trata de atitudes com raízes psicológicas e sociológicas diferentes.

Tal como já mostrado no estudo de Vala e co-autores (1999), a identidade política e a identidade nacional apresentam, em Portugal, uma relação específica com o preconceito, que importa aprofundar em pesquisas futuras. Note-se, de qualquer forma, que, mesmo nos restan-

tes países, a identidade nacional (orgulho nacional) não se apresenta tão correlacionada com o preconceito como em estudos precedentes. Importa por isso proceder a análises dimensionais do sentimento de identificação com o país e verificar quais as dimensões que facilitam preconceito e aquelas que apenas indicam favoritismo endogrupal.

Os resultados mostram também que, em todas as amostras, os valores sócio-políticos são bons preditores do preconceito, evidenciando-se que o conservadorismo político e moral e as orientações materialistas (predomínio dos valores económicos e dos valores de conservação da ordem social) facilitam o preconceito. Resultados idênticos, com exceção de Portugal, são obtidos para a solidariedade.

Mais importantes, porque até agora não mostrados de forma clara na literatura, são os resultados obtidos relativamente aos efeitos dos valores igualitários vs. os valores do individualismo meritocrático. Esta oposição de valores apresenta-se significativamente relacionada com o preconceito e a solidariedade em todas as amostras, com exceção de Portugal, onde apenas se encontra consistentemente relacionada com a solidariedade. O significado deste resultado deve ser sublinhado, dado o rigor do procedimento estatístico com base no qual foi posto em evidência. Do ponto de vista teórico, esta associação pode ser relacionada com o padrão de valores que na tipologia de Schwartz (1996) opõe *universalismo* e *benevolência* a *poder e competição*. O universalismo está associado ao igualitarismo e os valores de poder ao individualismo meritocrático. A reflexão sobre o preconceito no quadro dos valores e da tensão entre valores que caracteriza as nossas estruturas institucionais e políticas poderá ajudar a entender a ambivalência das atitudes face a grupos racializados e etnicizados e a tensão entre inclusão e exclusão. De sublinhar também como o individualismo meritocrático, quando associado aos valores democráticos, não produz preconceito, muito embora também não suscite atitudes de solidariedade, enquanto os valores do igualitarismo, quer quando associados ao pós-materialismo, quer quando associados à esquerda tradicional, constituem um freio ao preconceito aberto e facilitam a expressão da solidariedade.

Devemos observar que as variáveis incluídas no nosso modelo explicam uma parte reduzida da variância das variáveis dependentes, nomeadamente no caso de Portugal, Espanha e Itália. Os resultados destes países podem indicar que as atitudes face a imigrantes e outros

grupos minoritários se encontram ainda em estruturação, uma vez que nestes países a imigração só muito recentemente se instituiu como um problema. Resultados semelhantes foram obtidos para estes mesmos países no estudo conduzido pelo European Monitoring Centre of Racism and Xenophobia (Thalhammer *et al.*, 2001). Neste estudo, nenhum daqueles três países apresenta variâncias explicadas das medidas de preconceito iguais ou superiores a 15%, contra valores entre 15% e 21% para os restantes países europeus.

De qualquer forma, no caso da Alemanha e da França, a variância explicada no nosso estudo não é tão levada como a que obtiveram Pettigrew e Meertens (1995) no estudo que realizaram nesses mesmos países. Provavelmente, esta diferença de resultados ficará a dever-se ao facto de no estudo do EVS não dispormos de indicadores sobre o grau de contacto interpessoal entre a maioria e os imigrantes nem de indicadores de privação relativa intergrupala, variáveis que estavam presentes no estudo de Pettigrew e Meertens que citámos e que, nesse como outros estudos, se têm mostrado importantes preditores do preconceito.

Este estudo mostrou que continua a ser importante estudar o preconceito flagrante. Mas é esta é apenas uma das suas dimensões. Desde o tempo em que Allport (1954) iniciou o estudo do preconceito até aos nossos dias, este mudou as suas manifestações, tornando-se mais difuso, latente, indirecto e subtil (v. Fiske, 1998). Ora, para compreendermos o preconceito e o racismo em sociedades anti-racistas temos de compreender também as suas novas expressões e relacioná-las com os sistemas de valores sociais, como propusemos neste texto.

Anexo

Variáveis independentes utilizadas nas análises de regressão

Variáveis posicionais

Idade: v292

Diga, por favor, o seu ano de nascimento: 19...

Rendimento: v320

Diga, por favor, qual dos seguintes escalões corresponde ao rendimento do agregado familiar: médio, mensal, líquido, em contos.

Escala: 1 – 0-30 contos a 6 – mais de 300 contos.

Escolaridade: v304

Qual foi o nível de escolaridade mais elevado que atingiu?

Escala: 1 – mais baixo a 8 – mais elevado.

Diferenças psicológicas individuais

Felicidade pessoal: v68

Considerando todos os aspectos da sua vida, qual o grau de satisfação que sente actualmente?

Escala: 1 – insatisfeito a 10 – satisfeito.

Confiança interpessoal: v66

De uma forma geral, acha que se pode confiar na maioria das pessoas ou, pelo contrário, acha que todo o cuidado é pouco?

Opções: 1 – todo o cuidado é pouco; 2 – pode confiar-se na maioria das pessoas.

Avaliação do sistema político

Satisfação com a democracia: v213

De uma forma geral, qual o seu grau de satisfação com o modo como a democracia tem evoluído em Portugal?

Escala: 1 – nada satisfeito a 4 – muito satisfeito.

Confiança nas instituições políticas:

Das seguintes instituições, diga, por favor, qual o grau de confiança que lhe inspira cada uma delas:

v202 – Sistema educativo.

v205 – Polícia.

v206 – Parlamento.

v211 – Sistema de saúde.

v212 – Sistema judicial/tribunais.

Escala: 1 – nenhuma confiança a 4 – muita confiança (índice: 1 a 4).

Identidade política:

v185

Em política as pessoas falam de esquerda e de direita. Como se situaria, quanto às suas posições políticas, nesta escala, em que 1 representa a posição mais à esquerda e 10 a posição mais à direita?

Identidade nacional:

v255

Sente orgulho em ser português?

Escala: 1 – nada orgulhoso a 4 – muito orgulhoso.

Valores sócio-políticos

Conservadorismo político:

Foi construído um índice com os seguintes indicadores: diga como avalia cada uma das seguintes formas de governo para Portugal:

v216 – Ter um líder forte que não tenha de se preocupar nem com o parlamento nem com as eleições.

Escala: 1 – muito má a 4 – muito boa.

Vou ler-lhe algumas opiniões que as pessoas têm sobre o sistema político democrático. Diga, por favor, em que medida concorda ou discorda de cada uma delas:

v220 – A democracia pode ter alguns problemas, mas é a melhor forma de governo.

v223 – Em democracia é difícil manter a ordem.

Escala: 1 – concorda totalmente a 4 – discorda totalmente (índice: 1 – baixo conservadorismo a 4 – alto conservadorismo).

Conservadorismo moral:

Da seguinte lista faz parte uma série de qualidades que podem ser ensinadas às crianças em casa. Diga quais as que considera particularmente importantes (máximo de cinco respostas).

v174 – Obediência.

Opções: 1 – importante; 0 – não mencionado.

Materialismo/pós-materialismo: v190/v191

Fala-se muito nos objectivos que Portugal deverá alcançar nos próximos dez anos. Se tivesse de escolher, qual dos seguintes objectivos consideraria o mais importante? E qual seria o segundo mais importante?

- 1 – Manter a ordem no país.
- 2 – Dar aos cidadãos maior capacidade de participação nas decisões importantes do governo.
- 3 – Combater o aumento dos preços.
- 4 – Defender a liberdade de expressão.

Recodificação: 1 – materialistas = 1 ou 3 (primeira e segunda escolhas); 2 – mistos = 1 ou 3 (primeira ou segunda escolhas) e 2 ou 4 (primeira e segunda escolhas); 3 – pós-materialistas = 2 ou 4 (primeira e segunda escolhas).

Valores igualitários versus valores meriocráticos

Competição: v188

Gostaria agora de saber a sua opinião sobre diferentes questões. Utilizando as seguintes escalas, como é que se posicionaria face a cada uma delas?

Escala: 1 – a competição é uma coisa má: as pessoas acabam por revelar o pior que há nelas a 10 – a competição é uma coisa boa: estimula as pessoas a trabalharem mais e a desenvolverem novas ideias.

Liberdade e igualdade: v184

Qual das seguintes afirmações corresponde melhor à sua opinião?

1. Concordo com a afirmação 1: acho que a liberdade e a igualdade são importantes. Mas, se tivesse de escolher entre as duas, escolheria a liberdade, ou seja, cada um poder viver em liberdade e desenvolver-se à vontade.

2. Concorda com a afirmação 2: a liberdade e a igualdade são importantes. Mas, se tivesse de escolher entre as duas, escolheria a igualdade, ou seja, que ninguém seja desfavorecido e que as diferenças entre as classes sociais não sejam tão acentuadas.

Benefícios sociais: v187

Gostaria agora de saber a sua opinião sobre diferentes questões. Utilizando as seguintes escalas, como é que se posicionaria face a cada uma delas?

Escala: 1 – os desempregados deviam ter o direito de recusar um emprego que não querem a 10 – os desempregados deviam aceitar qualquer emprego ou então perder o subsídio de desemprego.

Vitimização secundária: v69/v70

Várias razões podem explicar por que é que algumas pessoas em Portugal vivem com dificuldades económicas. Das quatro que a seguir se apresentam, diga qual a razão que, pessoalmente, considera mais importante. E qual a segunda mais importante?

1. Porque não têm sorte.
2. Porque são preguiçosas ou não têm força de vontade.
3. Porque a sociedade é injusta.
4. Porque é uma consequência inevitável do progresso.
5. Nenhuma destas.

Fazem vitimação secundária os que escolhem a opção 2.

Da seguinte lista de organizações e actividades voluntárias, diga:

1. Aquela(s) a que pertence.
2. Aquela(s) para que trabalha, actualmente, como voluntário(a)/não pago(a).

Escala: 0 – nenhuma a 15 – envolvimento em todas as organizações.